

Redacção, Administração e Tipografia  
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2º andar  
LISBOA - PORTUGAL  
TELEFONE 539 TRINDADE  
Oficinas de Impressão e Esteriotipia  
RUA DA ATALAIA, 114 e 116  
Este jornal não se publica às segundas-  
feiras - Não se devolvem os originais - Dos  
artigos publicados são responsáveis os seus  
autores.

PREÇO 50 CENTAVOS - ANO VIII - N.º 2274

# A BATALHA



Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA  
Editor: CARLOS MARIA COELHO  
Propriedade da CONFEDERAÇÃO  
GERAL DO TRABALHO  
Aderente à Associação Internacional  
dos Trabalhadores  
Assinatura: Incluindo o suplemento se-  
manal, Lisboa, mês 9\$50, Província, 3 me-  
ses 28\$50; África Portuguesa, 6 meses  
70\$00; Estrangeiro, 6 meses 110\$00.

DIÁRIO DA MANHÃ

PORCAVÓZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

SÁBADO, 1 DE MAIO DE 1926

1º DE MAIO  
DE 1926





## Com a OVOMALTINE cada refeição é uma festa

Diz um velho provérbio popular «comemos para viver, mas não vivemos para comer»; dizia por outras palavras um sábio e grande médico chamado Roborano: «Uma boa alimentação não é sómente quantitativa mas sobretudo qualitativa».

Efectivamente quantos males são devido aos alimentos impróprios: Palidez, doenças do estômago, mau humor, falta de energia, mau sono, etc.!

Sobre este ponto uma chavena de Ovomaltine constitui sem dúvida uma das melhores refeições. Todos os elementos nutritivos dos alimentos mais substanciais: ovos, leite, extracto de Malte e dum pouco de cacau para perfumar o produto, obtidos a baixas temperaturas de modo a conservar-lhes intacta a



d'Ovomaltine ao pequeno almoço ajuda a chegar ao fim do dia sem sentir o trabalho que se realizou.

A noite uma chavena de Ovomaltine repara rapidamente a brecha aberta em nossas

fôrças e assegura-nos um sono tranquilo e reparador.

A Ovomaltine é muitas vezes o único alimento que a mulher grávida é capaz de suportar, e que lhe mantém as fôrças. Além disso a Ovomaltine activa enormemente a secreção do leite e permite as mães alimentar os filhos, mesmo aquelas que o não poderam fazer para os seus filhos mais velhos.

Sabe-se que 90% das doenças são acompanhadas de fraqueza. Orá, a fraqueza é efí-



cazmente combatida pela Ovomaltine, o que facilita ao organismo a sua luta contra o mal.

A Ovomaltine será sempre um medicamento auxiliar importante nas doenças dos nervos e do coração, na tuberculose e outras afecções debilitantes, no rachitismo, a escrúfula, a clorose, a anemia e muitos outros casos.

A Ovomaltine é suportada melhor que qualquer outra coisa e contribue eficazmente para recuperar as fôrças perdidas.

Para as crianças que cresceram depressa, que sejam nervosas, pálidas, anêmicas, escrofulosas, raquiticas, uma chavena de Ovomaltine no leite ao pequeno almoço aumentar-lhes há a alegria, o peso do corpo, o apetite. Para os velhos nenhum alimento é tão próprio para evitar a diminuição das fôrças, porque mesmo os órgãos envelhecidos a suportam perfeitamente e o que é mais importante ainda, a sua assimilação faz-se sem embaraço, o que mais aproveita ao organismo.



# OVOMALTINE

**É A SAÚDE**

**A VENDA EM TODAS AS FARMACIAS E DROGARIAS**

**DR. A. WANDER, S. A. BERNE**

**Unicos concessionários para Portugal**

**ALVES & C<sup>A</sup> (IRMÃOS)**

**41, 2.<sup>o</sup>, Rua dos Correeiros, 41, 2.<sup>o</sup>**

**LISBOA**



sua estrutura orgânica, apresentados por um processo especial, sob a forma seca, homogênea durável, do mais alto valor nutritivo, facilmente assimilável e dum gosto delicioso, eis a Ovomaltine.

Quem não tomar todos os dias uma ou duas chavenas de Ovomaltine deve fazê-lo pelo menos nas épocas de maior trabalho. Porque não é sem razão que se diz que uma chavena

# Trabalhadores de Lisboa: Comemorai com entusiasmo a data inolvidável do 1.º de Maio, comparecendo em massa no comício que a Câmara Sindical do Trabalho promove hoje, pelas 16 horas, no Parque Eduardo VII!

Operários e camponeses da província: Não falteis hoje aos comícios e sessões e afirmai o vosso desejo de viver uma vida mais livre e mais equitativa!

## Operariado português na manifestação internacional do Primeiro de Maio

O Primeiro de Maio evolui como tudo no universo. Principiou por ser um débil protesto de alguns operários conscientes contra as atrocidades exercidas pelos governantes da livre América sobre os trabalhadores que reclamavam apenas esta causa comum: menos horas de trabalho. Foi depois, durante alguns anos, devido à influência burguesa, que tudo deturpa, uma manifestação alegre platicamente socialista, com passeios às hortas e carros alegóricos. Transformou-se ultimamente, mercê da efervescente revolução nascida da conflagração europeia, numa jornada mundial de protesto contra o poder ilícito do capitalismo.

Foi nesta fase moderna que o Primeiro de Maio adquiriu a importância social que faz hoje franzir o sobrão assustado dos governos burgueses e meditar em próximas modificações sociais.

Nos principais países da Europa, mesmo naquelas onde a pata liberalizada das mais ferozes e reacionárias ditaduras esmagou as organizações proletárias, o Primeiro de Maio nunca deixou de ser comemorado sob o aspecto de protesto contra o existente, de repulsa contra a sociedade burguesa e criminosas.

Se há país onde o Primeiro de Maio, como protesto contra a bandalheira e podridão do capitalismo imperante, tenha razão absoluta de se fazer, Portugal é um deles.

A burguesia portuguesa, exploradora e rápida, como a de todo o mundo, nem sequer tem uma obra útil a desculpar os seus crimes. Lá fora ainda, o capitalismo contribuiu — embora na mira de retirar lucros formidáveis — para a organização de indústrias, edificação de escolas, construção de estradas, desenvolvimento económico e mental dos povos que explora. Aqui nem isso.

Em Portugal, a burguesia é única e exclusivamente parasitária. Suga o povo, não lhe deixando sequer as migalhas. Por isso mesmo o proletariado deve ser mais energético, mais vibrante, mais ativo na condenação dos seus inúmeros crimes.

São diários os escândalos que assinalam a decadência ignominiosa do capitalismo português. São inúmeras as provas de rebaixamento moral dos políticos sem uma leve sombra de ideal que vivem parasitariamente de ignóbeis serviços prestados à burguesia parasitária.

O Estado burguês, neste explorado país, já não tem assombro de brio, nem timidos gestos de reacção contra a sua derrocada, cavada mais por suas próprias mãos do que pelos golpes demolidores dos revolucionários sociais. E como o povo trabalhador, única força moral, única esperança do futuro não quer, não pode, nem deve colaborar na obra vergonhosa dos seus verdugos, deve, portanto, ser impiedoso ao verberar a sociedade actual, deve erguer-se solidário no mesmo ideal de regeneração e preparar-se para passar sobre o cadáver putrefacto de uma organização social deficiente, que se suicidou, e alcançar um novo estado de coisas mais perfeito e amplo.

E' nas ocasiões maximas que as consciências se afirmam. O Primeiro de Maio é o momento mais propício para afirmar o desejo do proletariado em tocar um ideal mais alto.

Não devem, pois, hoje, os trabalhadores conscientes do seu destino e das suas aspirações hesitar um instante sequer. E' nos comícios e nas sessões, onde os trabalhadores se irmanem numa aspiração comum, que está marcado o lugar de todos os que trabalham e vivem explorados miseravelmente pela burguesia capitalista.

Hoje, portanto, só um grito deve soltar-se de todos os peitos:

—Aos comícios e às sessões!

Só uma acção deve ser exercida:

Comparecer nos locais de protesto — e protestar!

## O inicio da campanha da jornada de seis horas

E' em Portugal este ano comemorada dignamente a data do 1.º de Maio com o inicio da campanha a favor da jornada das seis horas, pois que foi precisamente a agitação feita em 1883 pelos operários norte-americanos à volta dum a diminuição de horas de trabalho que deu origem a tal comemoração.

Como sucede presentemente em todo o mundo, desde 1873 que os Estados Unidos vinham atravessando uma crise tremenda monetária e comercial, que tivera por consequências o encerramento de inúmeras fábricas, e o lançamento para a rua, sem recursos, de milhares de produtores, que só de seu trabalho viviam.

O operariado organizado norte-americano, então influenciado pelos anarquistas, respondeu, em face desta situação, iniciar um movimento a favor das oito horas de trabalho — único meio de atenuar a sempre crescente e terrível crise do «chômage» — resolução sumamente humana, e manifestando um generoso espírito de solidariedade, visto que faltando a quase todos os produtores em que ocupar os seus braços, não era justo que uns se exgostassem com longas jornadas de trabalho, enquanto os outros se conservavam de braços cruzados, consumindo-se inação.

Este movimento teve o seu ponto culminante na grande greve de Chicago do 1.º de Maio de 1886, durante a qual foram fuzilados e feridos uns poucos de grevistas, e terminou com o assassinato legal em 11 de Novembro de 1887 dos quatro militantes anarquistas: Augusto Vicente Teodoro Spies, Jorge Engel, A. R. Parsons e Adolfo Fischer, e com o suicídio de Luis Ling que se antecipou à execução da pena de morte também contra ele pronunciada.

Por isso achamos que a melhor forma de comemorar estes dolorosos acontecimentos, numa época em que se atravessa uma crise de «chômage» ainda mais intensa do que a que devastava os Estados Unidos há 39 anos, é iniciar-se, honrando assim a memória das vítimas de Chicago, o movimento a favor das seis horas de trabalho, porque só por este meio se poderá fazer descrecer um tanto o número dos sem-trabalho, que neste momento por todo o mundo se definham lentamente.

Além disso, também deste modo se corresponde àquele ápice que, em seguida ao assassinato dos grevistas cuja memória agora evocamos, dirigiu a todos os trabalhadores o jornal «Die Arbeiter Zeitung».

de Chicago, e o qual a seguir transcrevemos:

«A guerra de classes começou Ontem fizeram trabalhadores. O seu sangue grita vingança.

«Quem ouvirá duvidar que os tigres que nos dominam não estão avidos do sangue dos trabalhadores?

«Mas os trabalhadores são homens de carácter. Ao terror branco, responderão eles com o terror vermelho. Mais vale a morte que a miséria. A necessidade faz-nos gritar ás armas!

«Ontem, as mulheres e as crianças choravam as vítimas das balas capitalistas, enquanto nos seus palácios os nossos amos despejavam taças de champanhe. Cessai de chorar trabalhadores.

Tende coragem, escravos. Revoltai-vos.»

**A. BOTELHO**

Todos os dias contemplo um mundo que sussurra na pobreza e na ignorância; um mundo que fluctua desamparado sobre um oceano de fome, de doença e de miséria. Foram-nos dados, a nós, lazeres, liberdade, inteligência; que temos feito para impedir essas coisas? — H. G. Wells.

## Ao Pessoal da Higiene

Camaradas! E' hoje, dia 1.º de Maio, a data consagrada aos trabalhadores.

Milhões de garrantas, nas tribunas dos comícios, protestam neste dia em todo a parte do mundo, contra a exploração capitalista e contra a tiranía burguesa.

O proletariado português junta-se solidariamente ao proletariado de além-fronteiras, no protesto universal. Por consequência, exercendo o pessoal da Higiene uma função que o leva a trabalhar todos os dias consecutivos do ano, é justo que, ao menos, um dia se erga da miséria em que vive, deixando o trabalho e indo para o lado daqueles que neste momento se preparam para afirmar à burguesia dominante a sua repulsa pela tirania e opressão que exerce sobre os produtores. Vós, camaradas da Higiene, sois daqueles que exercis na sociedade uma função indispensável, e todavia o patrão que vos explora não tem menor consideração pelo vosso labor, por quanto vos mantém numa situação miserável.

Por estas e outras razões, hoje sábado, 1.º de Maio, a começar da 1 da madrugada, ninguém deve pegar ao trabalho.

Camaradas! Pela Liberdade, contra a tiranía!

A Comissão Profissional dos Serviços de Higiene do Sindicato do Pessoal do Município.

### PELA CONVERGÊNCIA DE ESFORÇOS

### PALAVRAS AO VENTO?

A data que hoje passa e que o proletariado comemora de maneiras tão diferentes nos vários países e até de forma diversa dentro de cada um deles, serve para afirmar, no meio da variedade de manifestações que neste dia há de efectuar-se através do mundo, que há uma legião enorme que luta esforçosamente pela derrocada do Capitalismo. É curioso notar que, a-pesar-de internacionalmente não haver absoluta uniformidade quanto ao carácter das manifestações ora levadas a efeito pelas organizações sindicais, em relação ao seu objectivo e à finalidade que pretendem atingir quase se não notam discrepâncias.

Efectivamente, dum ao outro polo do mundo as massas operárias estão capacitadas que aquela derrocada sera precedida dum transformação social profunda.

Em Portugal, como nos restantes países,

e por razões comuns, vai a classe trabalhadora soltar hoje mais um brado. Será seguramente expressivo, mas não tão eloquente como o poderia ser se a unidade do movimento operário não tivesse sido de certo modo molestada desde o Congresso da Covilhã, sem proveito aliás para nenhumas das correntes de opinião que desde aquela data se têm agitado, com bastante vivacidade, nas fileiras da nossa organização de classe, e também sem benefício algum, é claro, para a população associada.

\* \* \*

Penso eu — suponho não enganar-me — que há certa contradição sempre que, falando ou escrevendo, aconselhamos o operariado, todo o operariado, a conjugar seus esforços dentro das instituições sindicais — a fim de que possa, por isso mesmo, tornar-se mais forte e mais apto — quando nós, os que exprimimos tão ajardado parecer, se atentássemos bem nas próprias ações havíamos de compreender que damos, por vezes, o exemplo da desunião mais flagrante entre nós mesmos, o que é dobradamente indesculpável, visto que, como propagandistas, não temos o direito de indicar a outrem um caminho do qual somos os primeiros a transviarnos, e nem sempre por razões suficientemente ponderosas.

Se a experiência tem, como se diz e eu creio, a virtude de facultar o conhecimento das coisas pela prática e pela observação, estou convencido que, à face dela, os militantes que constituem as correntes de opinião a que acima me referi há de estar já capacitados de que se não avançou um único passo desde que, por forma conflituosa, se trouxe para o seio da nossa organização sindicalista a questão das relações internacionais.

Essa questão pode ser muito importante, e não nego que de facto o seja, mas para mim não o é tanto que ache legítimo que por virtude dela sacrificemos a nossa organização nacional, que só será uma autêntica força desde que se apresente coisa. E quando digo coesa, falo evidentemente sob o ponto de vista da ação, que no domínio do pensamento, como todos nós sabemos, a falta de variedade significa monotonia, e onde a monotonia impera pesado é o meio ambiente.

Ora se efectivamente os militantes sindicais estão convencidos de que não fizemos progressos sensíveis depois que trouxemos a terreno questões que acho bem se discutam, mas com elevação e tolerância, não por simples capricho, mas com o intuito de esclarecer, e desde que a aspiração de todos é que o movimento operário volte a ter uma influência predominante na nossa vida social, é porque é então que nós, sem abdicar das nossas ideias, não havemos de dar um grande exemplo aos que nos escutam e aos que nos lêem, tomado todos posição firme no mesmo sector de ataque ao adversário comum?

\* \* \*

Não sei se estas minhas palavras serão palavras lançadas ao vento, bem podendo suceder que, na pitoresca frase do nosso confundível João Caldeira, eu esteja «a voar no espaço». Desejaria que o não fossem, e trabalharei para que o não sejam.

E como sou homem de fé, espero que aqueles a quem elas vão dirigidas, que são todos os militantes sindicais, as meditem, não porque encerre conceitos profundos, que sob essa aspecto não representam nada, sabido como é que o pútrito só dá pútritos, mas pela intenção que as ditou, ou seja para que quando, falando ou escrevendo, aconselhamos o operariado, todo o operariado, a conjugar seus esforços — a fim de que possa, por isso mesmo, tornar-se mais forte e mais apto — esse operariado não nos apanhe em contradição.

\* \* \*

O conselheiro Alves Ferreira, que foi incumbido das investigações concernentes ao caso Angola e Metrópole e que afinal apresentou o aspecto inesperado de advogado do Banco de Portugal que falsificou as notícias, nunca mais enviou à imprensa daquelas nossas falsas — tão boas! — a que ele chamava modestamente notícias oficiais.

Carambas! afinal, que a atitude de reserva do sr. Alves Ferreira se deve ao facto de, segundo nos consta, atender a um pedido secreto e afilhado que o Banco de Portugal lhe fez: não fabricar más notícias para não criar dificuldades ao tesouro, nem concorrer desleal ao nosso acreditado Banco emissor... E vai o sr. Alves Ferreira — e não faz mais notícias.

\* \* \*

**Muito amigos**

De todos os lados da Câmara dos Deputados são unânimes as afirmações de que os regos que pretendem adoptar em referência à exploração dos tabacos, só beneficiarão o pessoal das fábricas. São muitos amigos do operariado, pelos que se vê, os senhores políticos. E' pelo operariado, e não pelos negócios que se coluniam na sombra, que eles se envolvem em tumultos vergonhosos. E' ainda por amor ao pessoal dos tabacos que eles mandam a guarda republicana dar aos operários e operárias, alguns bem velhinhos, coitados, para o seu tabaco...

Nós poderíamos viver, ao sol, na liberdade e na segurança, e vivemos mesquinamente, transidos, no perigo de morte, porque estamos em guerra com o nosso próximo. — H. G. Wells.

### A organização do trabalho por H. G. Wells

Eu não sei se um só entre nós percebe o que implicaria, para a nossa espécie, a organização sistemática do trabalho da inteligência humana no domínio da investigação científica. Fala-se das maravilhas de que a ciência nos dotou durante os dois últimos séculos, maravilhas de que a nossa desordem e a nossa parvoice impedem de tirar todo o proveito possível. Mas o que a investigação científica produziu até hoje não é, sem dúvida, mais do que as premissas insignificantes do que poderá trazer à humanidade. Todo o conhecimento, que faz com que o nosso mundo de hoje seja diferente do tempo da rainha Isabel, é obra algumas dezenas de milhares de homens, pobres na maioria, trabalhando nos seus raros momentos de ocio, com um material restrito, num mundo que os desanimava e os desconhecia. A centenas de milhares de homens, dotados de capacidades, que teriam sido do mais alto valor em trabalhos científicos, faltou a instrução, ou a ocasião de se servir dos seus dons. Num mundo iluminado pela inteligência, a rede da investigação científica mal deixaria escapar alguns poucos dos seus servidores nativos, os resultados seriam comunicados o mais rapidamente possível de um investigador para outro, toda a capacidade seria imediatamente reconhecida e honrada. A infoturística ciência, que hoje vagueia no meio dos nossos crimes e das nossas desordens, como uma candeia de azeite mal limpida e mal cheirosa numa sombria caverna, em que homens, em via de baterem e de se baterem mutuamente, disputam a sua luz vacilante, a maioria das vezes para iluminar os seus actos de violência e de pilhagem, a pobre ciência tornar-se hia então semelhante à aurora de um belo dia de verão. Não descontarmos o que a humanidade poderá realizar em pouco tempo. O nosso poder sobre a matéria, o nosso poder sobre a vida, o nosso poder sobre os próprios, aumentaria ano a ano, dia a dia.

Ora, o conhecimento, o poder e a beleza, que nós, pobres vigilantes espreitando a aurora, podemos já entrever, não serão mais do que o ponto de partida de tudo o que poderá surgir do seio destas trevas e destas torturas. A vida não será eternamente confinada a este planeta, prisão de vácuo gelado e inconcebível do espaço. Não se verá claramente, considerando tudo o que o homem conseguiu realizar a pesar dos obstáculos, que ele está apenas no começo das suas vitórias? Que brevemente, senhor do seu corpo e da sua vida, os afeiçorá à sua vontade? Que brevemente colherá a alegria e a beleza, como uma donzelha colhe flores e as entrancas nos seus cabelos. Afirmou, doutor, que, se acabasse a concorrência industrial entre os homens, toda a modificação da espécie seria daí em diante impossível. Mas falou sem reflexão. Porquanto, quando uma vontade colectiva se tiver manifestado, os séries humanos não serão mais lancados cegamente na vida e não lutarão mais cegamente pela existência, como uma multidão amontoada num beco sem saída. As qualidades que servem para os grandes fins da espécie serão favorecidas e estendidas; far-se-há compreender aos homens e às mulheres, aos quais estas qualidades farão mais falta, quais são as restrições que lhes impõem, necessariamente, estes déficits. Afirmei que, cessando a concorrência, o progresso cessaria também. Podemos afirmar, com mais razão, que será só quando os homens tiverem posto círculo às suas lutas mortífcas que a espécie poderá avançar a passo de gigante. Então crescerá rapidamente, em poder e em beleza, de uma para outra geração. E não será só a espécie humana que progredirá. O homem fará do mundo inteiro jardim; senhor não só de si próprio mas também de todos os séries vivos, banirá da vida a crueldade, e torná-los-há meigos e inofensivos. Fará desaparecer para sempre as móscaas e os mosquitos, os espinhos e os venenos, os parásitas que empestam o seu sangue e as epizootias que caíram varados pelas balas assassinas do banditismo americano, só porque esses escravos do país dos milionários, pretendiam conquistar mais um pouco de pão e de descanso.

Mas se essa terrível hecatombe teve a cruel desdita de trazer o luto e a dor ao seio das classes trabalhadoras, teve também o condão de fazer erguer altivamente as mesmas classes, seu, um gesto de justificada revolta, abandonam o trabalho neste dia, demonstrando assim a caterva dos improdutivos que, no dia em que a grande família operária comprehender que deve fazer paralisar toda a actividade produtora e reivindicar os seus direitos, será nesse dia a derrocada do edifício burguês, sotterrando nos seus escombros todas as castas privilegiadas.

Porém, se o 1.º de Maio marca no calendário uma data vitoriosa das classes produtoras, visto tur a alicerçá-lo a declaração da greve geral na América, em 1886, para a conquista da jornada de 8 horas, teve também a cimentá-lo o sangue dos mártires de Chicago, não podendo, por isso, ser considerado um dia de festa, como falsos apóstolos do operariado lhe têm querido fazer acreditar, para desvirtuar o seu significado revolucionário.

O verdadeiro dia de festa para todos os que trabalham será, sim, aquele em que elas, quebrando as alianças da escravidão, derrubem todo o existente e conquistem a sua completa emancipação.

Até lá, o 1.º de Maio, pondo de parte as suas procissões com impos e andores; qual festa pagã, deverá ser um dia de afirmações altivas das classes trabalhadoras preparando o futuro libertador.

Queluz — 1926.

## O SINDICALISMO EM MARCHA

**Na última sessão do Congresso das Juventudes Sindicalistas foram aprovados protestos contra o Alto Comissário de Moçambique e votadas saudações à A. I. T., C. G. T., "Batalha" e presos sociais**

Eram 21 horas quando reabriu na sala das sessões de um dos organismos do burgo misterioso a voz do delegado do Núcleo do Porto, Antônio Inácio Martins, anuncianto a abertura da oitava e última sessão do Congresso Juvenil.

Na mesa, secretariando, os delegados da comissão organizadora e do comité federal, respectivamente, Germinal de Sousa e Luís Costa.

O presidente, depois de proferir algumas palavras de conselho aos presentes para que os trabalhos decorram com elevação, deu a palavra a José dos Santos, que leu ao Congresso o «Parecer sobre as bases orgânicas da Federação das Juventudes Sindicalistas».

Emídio Santana, o primeiro dos delegados a pronunciar-se sobre o Parecer, requereu que as percentagens demarcadas no preâmbulo sejam relegadas para a discussão das teses.

O orador defende em seguida a seguinte moção, que envia para a mesa, a qual tem as seguintes conclusões:

1.º Os Núcleos serão agregados de secções mixtas por área, gozando estas uma certa autonomia que compreenderá a propaganda, a educação juvenil e movimento administrativo, sendo os seus componentes simultaneamente as assembleias gerais do Núcleo, que têm o fim de discutir os assuntos gerais do organismo local e as assembleias secionais de assuntos de acção juvenil correspondente à área.

2.º Esta autonomia não corresponde a uma independência sua, mas corresponde a uma descentralização da acção juvenil, devendo as secções ter o máximo contacto com os Núcleos a que pertencem.

3.º Os Núcleos ao constituir-se, devem submeter ao estudo da Federação os seus estatutos para os observar se estão em harmonia com os princípios gerais das Juventudes Sindicalistas.

## A discussão começa a animar-se

Bernardino Xavier lembra aos delegados presentes que dentro dos seus organismos sejam o máximo escrupulosos na escolha de delegados ao Conselho Federal, escolha que deve apenas recuar nos indivíduos de reconhecida competência e que tenham dado provas de assiduidade nos lugares já ocupados.

Seguidamente foi aprovado o preâmbulo do Parecer entrando-se na discussão a respeito.

Nesse sentido falou, em nome do Núcleo do Porto, Lício Ferreira da Silva que propôs a seguinte emenda:

«No artigo 1.º, na parte em que diz com sede em Lisboa, para que seja substituída pelo seguinte: com sede em local que oportunamente se julgue necessário».

Bernardino Xavier concorda com esta proposta.

Antônio Joaquim Pato é de opinião que a sede da Federação seja em Lisboa.

Jorge Mateus aplaudiu a proposta do Núcleo do Porto, que é em seguida aprovada com o artigo 1.º das bases.

Aprovados os artigos 2.º e 3.º, discute-se o artigo 4.º.

**C**orativamente discutida a representação dos núcleos no conselho federal

Maria Júlia de Almeida, do Núcleo do Porto, propõe a seguinte emenda:

«No artigo 4.º deverão desaparecer os delegados por secções».

Pelo Núcleo do Barreiro falou Bernardino Xavier que mandou para a mesa a seguinte proposta:

«Promovemos para que no artigo 4.º onde se fala será formado por 3 delegados directos ou indirectos se passe a 1ér formado por 1 ou 3 delegados directos ou indirectos».

José dos Santos explica o motivo porque se defende a representação de 3 delegados por cada núcleo.

Lício Ferreira da Silva diz que não há motivo para se fazer questão aberta da representação, pois ela será de 1 ou 3 delegados directos ou indirectos.

Antônio de Sousa refere-se à representação no Conselho Federal, dando o seu voto à proposta do Núcleo do Barreiro.

Os 5.º, 6.º e 7.º artigos foram aprovados.

Em nome do Núcleo do Porto, a camarada Maria Júlia de Almeida apresenta a seguinte emenda:

«No artigo 8.º deve acrescentar-se-lhe o seguinte:

«Único. Quando qualquer núcleo discordar de alguma resolução do Conselho Federal, pode reclamar por intermédio de um referendo dirigido aos núcleos pelo Comité Federal. Aprovado, e o artigo 9.º.

As artigos 10.º foram propostas as emendas que seguem:

De autoria do Núcleo do Porto:

«Ao artigo 10.º que se lhes acrescente um parágrafo assim redigido:

Único—Desde que dois núcleos aderentes reclamem uma reunião extraordinária do Conselho e enviem a ordem dos trabalhos por escrito, os secretários deverão convocá-los no período máximo de 15 dias.

De autoria de Emídio Santana:

«Ou a pedido de um terço de delegados».

Sobre o artigo 11.º falaram Antônio de Sousa, Bernardino Xavier e Emídio Santana, sendo aprovado sem alteração.

Lício Ferreira da Silva, falando sobre o artigo 12.º, propôs:

«O artigo 12.º deve ser excluído o parágrafo segundo, passando o primeiro para único».

Emídio Santana propôs uma alteração ao artigo 12.º e seu parágrafo, a qual advogava a seguinte constituição do comité federal: Secretário geral, da Zona Norte, da Zona Sul, administrativo, tesoureiro, das relações internacionais, de administrativo de «Despertar» e da Caixa de Solidariedade.

O proponente fixava para cada um deles cargos as respectivas atribuições.

Combatendo esta proposta, que foi bem defendida pelo seu autor, falaram José dos Santos, Inácio Martins e Adriano Pimenta.

Uma proposta que liquida a discussão

Antônio de Sousa, depois de uma interessante defesa, manda para a mesa a seguinte emenda ao parágrafo 1.º do artigo 12.º:

«Do parecer da Comissão Organizadora sobre as bases orgânicas.

«Ao secretário geral compete assinar todos os documentos e correspondências de

## Teatro Nacional

Telefone N. 3049]

HOJE—A's 21 horas—HOJE

O maior êxito da actualidade

II peça de mais flagrante oportunismo

Espectáculo sensacional

## A dansa da meia noite

## Preços

(Incluindo todos os impostos)

Frizas 40\$00

Camarotes 40\$00

30\$00 e 20\$00

Fauteuils 10\$00

Superiores 6\$50

Geral 4\$00

Varandas 3\$00

## ESTANCIAS DE MADEIRAS

SEDE: Rua 24 de Julho, 40

SUCURSAL: T. das Mónicas, 65, à Graça—Lisboa

Depósitos em Xabregas

Teleg.: MADEIRAS — LISBOA — Telefone: 937 C.

João Leal &amp; Irmãos, sucessor João Leal

## Mais um ano de luta

Chegámos finalmente ao primeiro de Maio de 1926, visto que, se bem que uma parte do operariado tenha vindo a combater as iniquidades desta sociedade parasitária e sanguinolenta, nem por isso se observa que a despeito de tantas carencias e sacrifícios de toda a ordem, mormente por parte dos militantes, a classe operária tenha conseguido disfrutar mais liberdade, mais bem estar e mais pão, do que conseguiu até ao primeiro de Maio de 1925.

Nunca como presentemente se atravessou assim, uma vida tão angustiosa.

A crise de trabalho que vem de desenrolver-se assustadoramente, e que qual doença epidémica ataca a humanidade, tem penetrado nos lares produtores, especialmente nos da Construção Civil, reduzindo-os à mais cruenta miséria.

E' certo que o operariado, embora trabalhando, nunca conseguiu uma vida regredida e um bem-estar relativo, pois que tem vivido sempre rodeado de privações e miséria em virtude da desigualdade social a que secularmente tem estado jungido, através dumha sociedade em que a opressão e a iniquidade têm sidoapanhado do parasitismo capitalista. Porém, se o operariado se cundasse o esforço dos seus militantes, ingressasse em massa nos seus organismos de resistência e agisse activamente no sentido de arrancar a esta sociedade tudo a que tem direito incontestável, certamente, que não se encontraria numa situação tão deplorable, como a que atravessa presentemente.

E' que a crise de trabalho não tem razão de existência, especialmente no que respeita à indústria da Construção Civil, posto que só em Lisboa se encontram paralisadas as obras de 247 prédios em construção iniciada. Outro tanto sucede por esse país fora, onde tudo se encontra paralisado, não obstante o operariado não ter em que empregar a sua actividade. Há muitas propriedades particulares que carecem de obras, mas também há muitos edifícios do Estado e camarários que se encontram num estado lastimoso. Porém, a despeito deste facto, a crise alastrá-se cada vez mais e o operariado da respectiva indústria e das indústrias subsidiárias continua lutando com a mais revoltante miséria em virtude da falta de trabalho. Por vezes, mas em vão, os organismos da Construção Civil têm reclamado do Estado medidas atinentes ao atenuamento da crise de trabalho.

Para mais fácil solução de tão magnifico problema, se tem indicado a vários governos a maneira mais viável de se conseguir o desenvolvimento do trabalho, na indústria a que vimos de nos referir. Porém, até hoje pouco ou nada se tem conseguido, porque infelizmente o operariado se não tem disposto a opor-se decididamente contra os causadores da sua miséria, nem a opor um díque à falta de trabalho, e muito menos se dispõe a organizar a sua defesa contra a mais vil exploração que tudo perverte e aniquila. O que se deseja é passar a vida de qualquer maneira, com o menor sacrifício possível.

Podem aparecer medidas represivas de toda a ordem e impostos especulativos, como o que a Câmara Municipal apresenta, mas não pretende impor, referentemente às janelas existentes em cada habitação.

Pode aumentar o quadro de miséria nos seus lares, a falta de abrigo e conforto, que o operariado jamais modificará, ao que parece, a atitude indiferente que criminosamente tem mantido nestes últimos tempos, não se dispondo a fazer terminar com tão penoso e vexatório sofrimento.

Mas em compensação, e a pesar de tudo, não faltam festas, até mesmo religiosas, porque é ver como imediatamente se esquece todas as misérias e todas as torturas de um sofrimento social.

Se não fôsse uma pequena minoria de lutadores conscientes e audazes que se esfalfam e arruinam sua existência em benefício daqueles que fingem não sentir o peso brutal e ferroso do capitalismo, certamente que a sua miséria e o consequente mal estar mais ainda aumentaria.

Chegámos, pois, ao Primeiro de Maio de 1926 e, certamente, estão ainda gravadas na memória do povo trabalhador todas as vilanias cometidas pelo já célebre «reinado democrático», durante o ano de 1925. Sim, não será fácil termos esquecido das prisões em massa de operários honestos e na sua maioria certamente inocentes, os quais foram conservados nas esquadras policiais mais de seis meses sem culpa formal; dos fusilamentos que, cobarde e selvaticamente, se fizeram pela calada da noite; dos barbaros espancamentos aos presos nas esquadras e nos calabouços do Governo Civil; das desumanas deportações sem julgamento de dezenas de camarários nossos para as longínquas paragens africanas e até, ultimamente, as selvajinas cometidas pelo despotismo Azevedo Coutinho, contra os heroicos grevistas de Lourenço Marques.

E é, recordando todo este sudário de infâmias, que nós cármatos de vergonha e indiferentismo daqueles que fingindo ao sacrifício e pensando apenas em si, negam a indispensável solidariedade às vítimas que estão sofrendo atrocamente as dores morais e materiais que os martirizam.

Pretende-se revogar a lei de 8 horas de trabalho, forçando os trabalhadores a produzir, dez e doze horas, por dia, com um salário menor aquél que actualmente se auferem. Se bem que ao operariado da Construção Civil, ile não tivesse sido necessário a lei para obter tal regalia, posto que, com energia e alívio a soube conquistar pelo seu próprio esforço num bento e bem orientado movimento grevista, realizado em Abril de 1916, nem por isso, deixará de frizar a sua conquista, se ao contrário da indolência e falta de acção em que se tem mantido, se não se agitar para a defender, ainda que revolucionariamente.

Está, pois, em perigo todas as regalias e ameaças as poucas liberdades que o operariado com tanto sacrifício soube conquistar. Toda esta acção perniciosa do capitalismo não é mais do que o fascismo em marcha que, estendendo as suas garras aduncas e ominosas, pretende esmagar todas as aspirações populares. Em face da ameaça torna-se necessário que o proletariado acorde o sono letárgico em que se tem mantido e volte a ingressar nos seus organismos sindicais disposto a defender o pão de cada dia, as suas regalias e liberdades conquistadas, e com fé no futuro continuamente lutando sem desfalecimentos até conseguir acabar com o predomínio burguês, derrubando para todo o sempre o velho e já carcomido edifício social.

Oxalá ésto nosso modesto arrazoado lhe sirva de incentivo, dispondo-o para a luta, e que quando chegarmos ao 1.º de Maio de 1927 nós tenhamos conquistado tudo a que temos incontestável direito.

Alfredo LOPES

Ler o Suplemento de A BATALHA

## E' hoje posto à venda o 21.º número da revista gráfica de novos horizontes sociais

## «RENOVAÇÃO»

que contém o seguinte SUMARIO:  
Velhas e novas rosas de Maio  
Artigo de Rocha Martins sobre as comemorações de 1.º de Maio de ontem e de hoje, com desenho inédito de Cristiano da Carvalho.

## O mercado do trabalho

Artigo de Eduardo Frias sobre o engajamento de trabalhadores para a descarga dos navios, com fotografia da parada na praça Duque da Terceira.

## O Homem

Soneto inédito de Bento Faria.  
Antero do Quental

Artigo de Nogueira de Brito sobre o organizador da Internacional em Portugal, a propósito do monumento ao poeta e filósofo no jardim da Estrela, com retrato de Antero e fotografia da cerimónia oficial do lançamento da primeira pedra para o monumento.

## As flores como eterno motivo de beleza

Artigo de Ferreira de Castro sobre o encanto das flores.

## Karl Liebknecht

Biografia do único socialista alemão que no seu país protestou contra a guerra, sendo vítima da sua heróica atitude, com a fotografia da biografado e dos ferimentos que lhe deram a morte.

## O socialismo que passou

Artigo de Ladislau Batalha em que remembra os antigos cortejos do 1.º de Maio, com a reprodução de dois carros alegóricos que figuravam no 1.º de Maio de 1897, em Lisboa.

## Babindranath Tagore

Artigo sobre o conhecido revolucionário indiano acompanhado de retrato.

## A scenografia da vanguarda

Artigo sobre a revolução operada nos cenários dos teatros.

## Este número da

## “Renovação”

é impresso a duas cores, inserindo no texto 23 explêndidas e sugestivas gravuras, e na capa um desenho alusivo ao dia 1.º de Maio de Rocha Vieira, colorido a três cores.

## O preço deste número

é o habitual de \$50

# Uma acção que deve ser constante

Uma data é sempre o reviver dum facto. I cupar-se com as questões sociais e por sua vez exporem-nas os trabalhadores, no intuito alevantado de interessá-los no conhecimento da verdade, em face da exploração burguesa. Temos a convicção de que quando o espírito de reivindicação penetrar bem na multidão dos assalariados, os mais simples acontecimentos poderão abalar profundamente a sociedade actual nos seus alicerces e determinar uma transformação na sua estrutura. Uma falsa pode provocar uma explosão.

Há muitos anos se comemora a data do 1.º de Maio, no sentido do proletariado compreender o seu significado revolucionário. Cada ano que passa nova etapa a percorrer em prol da emancipação da humanidade. Vem de tempos longínquos a solemnização deste dia—festivo ou revolucionário!

O malho, a bigorna, a charrua e a enxada repousavam, associando-se à comemoração; os teares paralizavam; os campos não recebiam a saudação do campões; o labor dos artistas não se fazia sentir. Uma vez por ano, o esforço cotidiano e brutal dispensado pelos escravos amansava, e a miséria permanente que residia nos seus lares cobria-se com o manto da fartura... Os patrões procuravam satisfazer-lhes as reclamações, para que nesse dia a alegria reinasse entre elas. Faziam-se lhes concessões melhorando condições económicas.

Decorriam anos. A mentalidade operária evoluiu. Passou o tempo em que os homens, na sua grande maioria, nasciam, viviam escravos e outro ideal não possuíam além duma mudança de escravidão. Nunca lhes vinha à ideia que «um homem vale outro homem». Actualmente sabem-no e compreendem que esta igualdade virtual dada pela evolução deve desde já mudar-se em igualdade de facto, graças à revolução, ou antes às revoluções incessantes.

Os trabalhadores instruídos pela vida, são mais versados do que os economistas de profissão nas leis da economia política.

Não se importam com minúcias inúteis e vão directamente ao coração das questões, querendo saber, a propósito de cada reforma, se, sim ou não, ela assegurará o pão. As diversas formas de imposto, progressivo ou proporcional, olham-nas com frieza, porque não ignoram que, no fim de contas, todos os impostos são pagos pelos mais pobres. Sabem que para a grande maioria defesa funcione uma lei de bronze, que sem ter o carácter fatal e inelutável que lhe atribuiram outrora, nem por isso deixa de representar para milhões de homens uma terrível realidade. Em virtude desta lei é ainda o faminto condenado, por sua mesma fome, a ter de aceitar, em pena do seu trabalho, uma ração miserável. A dura experiência confirma diariamente esta necessidade que provém do direito da fôrça.

Um problema profundo começou apaixonando multidão que se definha permanentemente, nos ergástulos do trabalho: a jornada das 8 horas. O congresso de Chicago de 1884 deliberou que fizesse inicio no dia 1.º de Maio de 1886 uma greve geral para esse fim. Foi assimilado esse formidável movimento reivindicador pela morte de alguns operários e pela prisão de muitos outros.

De então, essa data foi considerada como de protesto, de revolta e de dôr, por todos quantos baqueavam na luta contra o patronato, Estado e Autoridade. O protesto é universal. O efeito festivo foi desaparecendo e substituído pelo das reclamações dos proletários aos detentores da propriedade e dos instrumentos de trabalho. O proletariado mundial tem na data do 1.º de Maio o inicio das suas reivindicações. Mas isso não quer dizer que ponha de parte qualquer oportunidade para fazer vingar uma legalidade que o interesse. Não deve estar sujeito a guardar só para esta ocasião o fermento de revolta ou protesto contra uma tirania, ou demonstrar vitalidade orgânica. Não! Para os que morrejam o pão numa labuta diária, empregando a sua energia em proveito da colectividade não necessitam esperar que desonte o 1.º de Maio, símbolo da emancipação proletária. Todos os dias têm o seu significado; que cada um represente, pois, uma conquista de bem-estar, uma parcela arrancada aos senhores!

Somos daqueles que entendem que o proletariado não deve aguardar a comemoração do 1.º de Maio para apresentar as suas reivindicações ao patronato ou ao Estado, mas sim estudar tudo que lhe diga respeito e lutar com energia para tornar em facto os seus desejos de melhorar as condições de vida. Que cada classe e indíviduo vá compreendendo o seu lugar na sociedade, da forma a saber qual a função que exerce na oficina ou no campo, visto que hoje não podem viver desses meios porque o patronato lho impede. Os meios a adoptar para que esta situação desapareça devem ser estudados com dedicação e inteligência. Depende duma bala conjugação de esforços para que os seus resultados sejam benéficos.

Os militantes operários devem pre-

por um rapaz de vinte e um anos apenas, deviam despertar terríveis suspeitas no espírito do almirante, ou cegá-lo completamente.

Cegaram-no

Essa leal e grande alma não podia imaginar a existência de tanta audácia na traição.

Carlos IX e sua mãe conversaram muito com Coligny a respeito dos seus projectos com relação a Flandres.

A fim de aumentar a confiança dele e a dos seus correligionários (pois que só o almirante se achava na corte), o rei restituí-lhe o seu lugar no conselho de Estado; e, tendo por essa época alguns católicos mais impacientes assassinado huguenotes em Ruão e em Orange, Catarina de Médicis mandou punir severamente os culpados, evitando assim as rerimônias de Coligny.

Este, cada vez mais tranquilo, fez com que Joana de Albret partilhasse a sua confiança, escrevendo-lhe muitas vezes, aconselhando-a a vir à corte, a fim de ultimar o casamento do filho com a irmã do rei.

Joana de Albret partiu da Rochela, deixando lá o filho em companhia do jovem príncipe de Condé, seu primo; mas ela vinha sempre com uma tal ou qual desconfiança.

A 4 de Março de 1572 chegava a rainha de Navarra a Paris, onde Carlos IX a acolheu com entusiasmo, como fizera a Coligny, chamando-lhe «sua querida tia, sua adorada, seu bem, sua muito amada!...»

A noite dizia ele, rindo, a Catarina de Médicis:

— Então, minha mãe, que tal me desempenhei eu do meu papel? Deixai o negócio por minha conta, que elas hão de cair todos na rede!

Começou-se logo a tratar do casamento. Joana de Albret esperava graves observações porque, como nem ela nem o filho queriam ouvir falar de missas, desejavam que o casamento fosse segundo o rito protestante.

— Lá por isso não seja a dúvida, minha querida

# O verdadeiro significado do 1.º de Maio

Ainda há, desgraçadamente, quem supõe que o 1.º de Maio é uma páscoa operária, comemorando-se a passagem do alívio do trabalho, como os católicos costumam comemorar a passagem do triunfo da sua religião e, portanto, da sua preparação. Trata-se mesmo de restaurar essa crença — intensificando-se este ano os invergontes festos de outrora...

Se, porém, condamnamos absolutamente a comemoração do triunfo do Trabalho que não existe, visto que o que se nota é a vitória da Tirania e da Escamoteação, não podemos também concordar que julguem que o 1.º de Maio é originário apenas da tragédia de Chicago, das brutalidades policiais da praça Haymarket e do enfrocamento de quatro anarquistas, do suicídio de um militante, da condenação a prisão perpétua de dois mártires e a 15 anos de uma outra vítima — 8 honestos propagandistas revolucionários sacrificados em holocausto por cada hora constante das reclamações de menos sofrimento nas fábricas e oficinas...

Dar uma tão reduzida paternidade espiritual ao 1.º de Maio, é ofuscar a sua verdadeira latitud revolucionária em todos os tempos, concedendo-se-lhe simplesmente uma cruz de efemeride no dia santo proletário...

O Ascendente tem o seu Ascendente e a sua Posteridade. Entre as duas situações encontra-se o Presente — o desenrolar sanguinolento das ingentes lutas actuais, o representar negro, sinistro, dos actos de miséria, de fome, de torturas que temos de decretar de combatê-las com uma tenacidade apropriada ao ambiente e à época.

O 1.º de Maio tem o seu Ascendente e a sua Posteridade. Entre as duas situações encontra-se o Presente — o desenrolar sanguinolento das ingentes lutas actuais, o representar negro, sinistro, dos actos de miséria, de fome, de torturas que temos de decretar de combatê-las com uma tenacidade apropriada ao ambiente e à época.

O Ascendente do 1.º de Maio, que é uma manifestação energética pela liberdade e pelo bem estar de todo o seu humano, encontramo-lo, tanto nas sublevações dos escravos da Trácia ou da Ática, da Laciônia ou da Sicília, como nas insurreções espartaquistas, na questão agrária dos Gracchos ocorrida no velho império romano.

O 1.º de Maio descobriu-lo, tanto nos territórios anátemas dos primeiros chefes da igreja em rebelião aberta contra a Igreja dos ricos, como no arte de Miguel Angelou ou de Leonardo de Vinci, como no riso zombeteiro de Rabelais, na tolerância de Erasmo, no livre-pensamento de Dole.

Pode-se verlo na Auluzana de Plautio, ou na Basílica de Morely, ou na Utopia de Tomás More, na República das abelhas de Giovanni Bonifacio ou na Cidade do Sol de Campanella; no Testamento de Meslier ou na Conquista do Pão de Kropotkin. Em todo este formidável vojar do pensamento humano se assimilam as teorias de perfeição humana, as ânsias de tornar a vida o menos penosa possível, o trabalho mais útil, mais extensivo a todos os vânuos, para que ele seja mais humano, mais suave, um excelente impulsor da vida abundante, um benéfico exercício físico e moral — e não uma tortura, uma agonia, um castigo imposto pelos céus capitalistas para que a voraz parassitagem campeie por ai intre...

Em toda essa magnifica modelação doutrinária sempre ascendendo para a perfeição social, se verificam já os velhos temas da redução do horário de trabalho pela laboriosa coadjuvação de todos — se vêem os justos motivos para as reclamações das 8, das seis, das quatro horas de produção auxiliadas pelos progressos inventados colocados ao dispor da comunidade livre.

O 1.º de Maio, pois, está em toda a ação desenvolvida, no tempo e no espaço, em prol da libertação dos povos e contra todos os Neros. Não é americano, como não é francês. Os morticínios de Chicago são um episódio da imensurável luta dos escravos desenvolvida, desde a prehistória, em todo o mundo — como os morticínios de Fournies, no primeiro de Maio de 1891, traduzem outro episódio. Logo, o 1.º de Maio não é outra coisa senão um agregado de parcelas de esforços pela Liberdade contra a Tirania, pela Solidariedade contra a Exploração.

Éste será, no futuro, a soma total de todos os sacrifícios dos escravos, dos soldados, dos servos, da plebe, da rale, da escória, dispensados na repelição de todos os crimes da sociedade capitalista e estatal...

Presentemente, o 1.º de Maio é uma continuação das pelejas do passado, a lançar a ponte transportadora para o promontório das aspirações do futuro ideal.

Esta continuação não deve ser uma manifestação a prazo — mas uma intensa e extensa continuidade de esforçada luta contra a burguesia. Relembra, como quem está a contar histórias à lareira, o 1.º de Maio só pelo seu lado yankee, falando dos seus mortos como em dia de festejos defuntos; ou comemorar esta data como uma festa de páscoa, quando ainda não se observou

— E' um inconsciente...

— Sim? Mas, amanhã, enfrentados, nós procuramos salvar a pele, fugindo, e ele fica, embora com a pele furada. E sabe porque?

— Não sei...

— Porque ele, o tal selvagem, o que

at ficou atrás, encostado à enzada, a comentar-nos para os seus companheiros, dá a pele todos os dias, ao sol, à chuva, ao vento, na luta pelo pão; e quem a deu cem vezes, pode dá-la cento e uma. Ao passo que nós, planas de estufa, fugimos com a nossa de tudo o que a pode beliscar. Até do sol, que o faz a ele, assim, tão corado, robusto, alegre e arrogante.

(E o silêncio voltou, pesado e longo.)

Tomada de FONSECA

# CONGRESSO DAS JUVENTUDES SINDICALISTAS

(Continuação da 4.ª página)

Bernardino Xavier não concorda com a cota de \$15, pois essa verba é tão ridícula que não permite a satisfação dos encargos da organização juvenil e muito especialmente garantir os presos e perseguidos o auxílio de que eles carecem. Por isso o orador entende que a cota deve ser de \$30, destinando-se \$15 para solidariedade.

Em torno do assunto prossegue viva discussão em que intervêm os delegados Emílio Santana, Inácio Martins, Bernardino Xavier e Antônio Joaquim Pato.

A proposta do último congressista foi finalmente aprovada.

O artigo 23.º foi eliminado.

## E' aprovado o Parecer sobre as bases orgânicas da F. J. S.

José dos Santos propõe, para o capítulo VI, que se refere aos congressos a seguinte redacção:

— O Congresso Nacional da Mocidade Sindicalista, reunido ordinariamente de dois em dois anos e extraordinariamente quando o Conselho Federal o julgue necessário deputa um referendum aos Núcleos.

— 21—Cada Núcleo deve fazer-se representar no Congresso por um ou três delegados directos dos Núcleos de Juventudes Sindicalistas.

único—São aceites delegacias indiretas dos Núcleos com sede fora do continente, devendo contudo esses delegados indiretos serem filiados em qualquer Núcleo.

— 22—Os trabalhos de preparação, propaganda e organização, deverão ser entregues a uma comissão organizadora, para esse fim nomeada pelo Conselho federal.

— 23—A Comissão Organizadora submete à sanção do Conselho federal a data e o local do Congresso por ela fixada com quatro meses de antecedência.

— 24—Fixada a data do Congresso, os Núcleos devem comunicar à comissão organizadora os trabalhos que desejam submeter ao estudo e à apreciação do Congresso até 25 dias antes da data fixada.

— 25—As cotas de adesão dos Núcleos serão fixadas pelo Conselho federal, em harmonia com as necessidades do momento.

Foi aprovado este capítulo e com él o parecer sobre as bases orgânicas da F. das S. Sindicalistas.

Antônio de Sousa apresenta, em nome do comité federal, um parecer sobre vários problemas que interessam a organização juvenil.

Neste parecer advoga-se a conveniência de ser definida a situação do Núcleo do Pôrto que pretende ficar com as percentagens de «Voz Sindical» que pertencem à Federação.

Com a aprovação da proposta que segue ficou o assunto arrumado.

## Liquidada-se um incidente

— O Núcleo do Pôrto, tendo em consideração que os 5 centavos da «Voz Sindical» devem reverberar em benefício dos Núcleos que vendem os respectivos exemplares, para que assim possam pagar as sobras que tenham, propõe que esta percentagem fique em poder da cada Núcleo, podendo no entanto os Núcleos que assim o entenderem enviar a mesma à Federação.

Pelo relator da comissão de pareceres Ernesto Ribeiro foi presente ao congresso o parecer que segue.

## O relatório da comissão elaboradora de pareceres

**Presados camaradas:**—No cumprimento da missão que por vós nos foi confiada, vim por intermédio deste relatório dar o

qualquer Ressurreição da Humanidade plena dos seus destinos — é uma mistificação dos seus organismos:

Biblioteca Operária dos Estudos Sociais de Montemor-o-Novo, Câmara Sindical do Trabalho do Pôrto, Sindicato do Pessoal dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, Operários Corticeiros do Barreiro, Sindicato Único das Classes Metalúrgicas de Evora, U. S. O. de Evora, Sindicato Único das Classes da Construção Civil de Evora, Associação Eborense de Classes de Construção Civil e Anexos, Juv. Sindicalistas de Evora, Núcleo de Juventude Sindicalistas de Lisboa, Federação Metalúrgica, Sindicato Único dos Operários da Indústria Móbilidade de Lisboa, Núcleo de Juventude Sindicalista de Faro, idem do Pôrto, Grupo Feminino Libertário Luísa Michel e Centro

Terminal de Educação Social do Pôrto.

Na mesa são lidos os seguintes documentos:

## Uma saudação à Associação Internacional dos Trabalhadores

O II Congresso das Juventudes Sindicalistas ao encerrar os seus trabalhos saúda efusivamente a Associação Internacional dos Trabalhadores.—*José Pedro Lourenço*.

De autoria de Antônio de Sousa:

— O II Congresso das Juventudes Sindicalistas protesta contra todas as iniquidades do Estado, tais como prisões arbitrárias, deportações, estrangulamento da liberdade de expressão e outras anomalias. Protesta contra o despotismo do império de Azevedo Coutinho em Lourenço Marques, extraditação de Paulo da Silva, saudando os camaradas franceses pela sua solidariedade atrevida assumida para com este camarada.

— O II Congresso das Juventudes Sindicalistas ao terminar os seus trabalhos, saída

drinha de Ana Bell, falecida dois anos antes, assistia a esta reunião, assim como os dois operários do armeiro, Guilherme e Orlando, e um aprendiz de quinze anos, a quem chamavam o magriço.

Estes diversos personagens, a pesar da hora de descançar ter já dado, não estavam inactivos. Marciana, viúva de Odélin Lebreton, estava fiado. Vestida de preto, queria conservar o luto toda a vida em memória das mortes trágicas do marido e da filha Ana Bell; as feições da viúva, fortemente caracterizadas, a sua fisionomia, a um tempo grave, energética e meiga, davam-lhe o aspecto duma das primitivas mulheres do tempo dos santos, tipo que, segundo os historiadores, se transmitiu puro de geração em geração, quasi sem alianças de sangue estrangeiro, desde os mais remotos tempos da Gália.

# Cada 1º de Maio que passa deve marcar uma 'época' do proletariado na senda da sua emancipação

Para nós, trabalhadores, que não vivemos da tradição, o dia 1º de Maio é todavia data inesquecível. Ele marca através dos anos que se amontoam sobre o célebre congresso de Baltimore de 1866, em que os operários norte-americanos resolvem reivindicar o dia normal de 8 horas de trabalho, uma série de etapas gloriosas dos proletários de todo o mundo na estrada do porvir.

A natureza veste galas. A flora apresenta-se-nos, na sua policromia estonteante, um conjunto de harmonia contrastante com as disparidades sociais. A brisa doce, agitando as papoulas, parece, no seu rouge-rouge, anatematisar a humanidade que não soube ainda estabelecer em seu seio um todo equilibrado condizente com a harmonia da natureza que a cerca.

E todos os anos, pelo 1º de Maio, duma minoria consciente que revolvento a terra e fecundando-a a faz germinar o pão, submergindo-se nas graelas da orba lhe exturque do ventre preciosidades, crusando os mares revoltos aproxima longínquos continentes e com elas os povos numa comunhão de interesses e ideias, transpondo caminhos longos os encrava pelo engenho motriz, e nas oficinas, nos laboratórios, pelo músculo ou pelo cérebro, labuta e se estiola, muitos mil braços se erguem num gesto de rebeldia, afirmando seu desejo de serem livres, proclamando a revolução que prossegue na rota da felicidade comum, triunfante dos defensores do atanho, deixando muito embora no seu rastro os corpos exangues dos que se ofereceram em holocausto ao Ideal.

\* \* \*

Rememorar a tragédia de Chicago, pormenorizá-la, seria correr um discurso cangado no grande fonógrafo da vida. E isto pagar com a ingratidão o sacrifício das vítimas da burguesia internacional de 1887? Pode porventura a responja do olvido sumir da lousa da história os nomes fulgorantes dos que sonharam morrer, tendo suspensas dos lábios palavras de incitação que até hoje e pelos tempos fora têm sido e serão o lábaro que guia as multidões sequiosas de justiça?

Não! Aos vindouros não faltará onde aprender a respeitar as boas figuras dos tempos idos e a seguir os seus ditames. Eles saberão também, que em resultado dum comício realizado na Praça Haymarket, em 4 de Maio de 1886, em pleno período de greve geral reivindicadora, e em que não ainda ignorada fez explodir um petardo vitimando entre muita gente 60 polícias, foram encarcerados, julgados e condenados à força oito dos mais inteligentes militantes do movimento libertário.

Tragédia! Sim, tragédia que é já um pormenor da grande tragédia que na vida da humanidade se tem desenrolado nestes últimos 39 anos, e em que muitos milhares de trabalhadores, inspirados no verbo de Spies, Fischer, Engel, Parson, Ling, Fulden, Schwab e Neeb, tem sustentado a mais cruenta luta contra uma burguesia louca que, juntando aos vícios herdados dos seus predecessores os vícios que adquiriu, na sua raiva contra o pensamento humano se assemelha ao imbecil que, engalfinado a um cabo de alta tensão eléctrica, no intuito de destruir-lhe o fluido, perece, por fim, fulminado.

Pode a burguesia fomentar o obscurantismo, encerrar ou raquitizar a escola e apertar mais ainda a golilha económica. A liberdade vive instintivamente no coração dos escravizados, até mesmo aqueles que não sabem esconder do alfabeto as letras que compõem a sublime palavra e—ai da burguesia!—um dia a mesma golilha servirá para jugular todos os que se alimentam do suor alheio. E então, tarde já, por certo, ela compreenderá que, como o afirmou Spies, «está nos erros da burguesia o mais temível agitador contra o seu poderio».

\* \* \*

Não vai distante a época em que, por uma mistificação dos socialistas legalistas e para satisfação da burguesia apavorada com as ruinosas manifestações revolucionárias que sucederam aos morticínios de Chicago, o 1º de Maio teve a característica de dia de festa do trabalho. O luto e a revolta cederam lugar aos processuais cortejos de carros alegóricos, engalanados de verdura e de trofeus de ferramentas e ladeados por pendões conduzidos por indivíduos enfaixados, cortejos que terminavam quase sempre pela jantara no campo, entre verduras e alegrias. As locomotivas silvavam festivamente, levando através das serras, sobre os cabegotes, braçados dos flores alacras.

Do patronato, até mesmo daquele que aderia à festança, havia no dia seguinte bom certa a exploração vil, confiada na brandura dos explorados.

Mudaram os tempos, com o agravar da situação económica e com a ação persistente dos anti-socialistas que não esquecem. A fome açoitou-se em milhões de lares proletários, mercê da carestia e do chômage. Para a parte consciente e pensante do operariado, o 1º de Maio é o fechar do balanço do mais um ano de lutas, de sacrifícios e de misérias. Dia de imprecções mais do que de lamentos; de imprecções que partem de tágulas sem pão e do fundo dos cárceres onde se definham as vítimas da sociedade burguesa.

A burguesia, inchada a pança, revolve-se no temor da indigestão. Ela estorvará. Preciso é, porém, que para a removermos, saibamos capacitar-nos. Organizemo-nos. Coliguemo-nos. Saibamos fazer a junção de todos os explorados contra os exploradores, dedicando-nos à obra de preparação que permitirá a felicidade humana, seu chefes nem amos, irmãos os homens no comum interesse da distribuição do trabalho e dos gosos!

Santos ARRANHA

## Aos empregados no comércio

Fortalecer o sindicato é conseguir mela vitória—Protejamos os marçanos

Antes de ingressarmos no S. E. C. I. já nós vinhamos sentindo necessidade de realizar trabalhos, mas trabalhos. Elevar bem alto a enxada e cravar-lhe o ferro bem fundo no coração da terra, revolver-lá, amanhá-la de forma a que, o grão deitado nas fendas feitas pela revolução do seu dorso produzisse o fruto que todos lhe aperfeiçam. Essa foi a nossa vontade desde 1920 ou 21 dentro desta classe, que o vêm sendo desde a nossa juventude nas organizações obreiras.

Foi por isso que trabalhámos naquela época única vez que dentro desta classe nos dispomos a trabalhar. Foram então traídos os nossos desejos e vimos, a breve trecho, que todos os nossos esforços seriam balados, que seria melhor não prosseguir.

Assim fizemos. Ficámos aguardando melhor ocasião para agir. Deixámos que os outros agissem, aqueles que nos barravam a passagem. Talvez, quem o sabia? eles quisessem colher os loiros da vitória, loiros que são espinhos mas que nem por isso são menos loiros.

Deixemos o passado. Aguardámos que juntas todas as energias que os empregados no comércio encerram, e que tantas e tão belas não sabemos existir, se apresentasse a noiva vez de lhes juntar o nosso esforço que, embora se não possa medir pela competência, aquilata-se, no entanto, pela vontade de saber querer. Foi, pois, agora a nossa vez.

Não estamos todos, mau grado meu, mas estamos uma maioria que pensa por si e que sem querer loiros querer só que a classe se eleve até onde for possível elevá-la. Não depende tudo de nós. Depende de nós uma soma de trabalhos consideráveis, mas esses trabalhos só ficam e perduram se a classe nos acompanhar, nos assistir, colhendo os frutos e conservando-os com aquele carinho com que a família do lavrador colhe e guarda os frutos que resultam da faina suarenta mas alegre dos seus maiores.

J. CAMPELO

## 1.º DE MAIO DE 1926 O que é necessário que esta data afirme

Vai a organização operária comemorar mais um ano da data sangrenta do 1º de Maio de 1886 e para tal vai reclamar, por intermédio de todos os seus organismos, integrados positivamente na luta de classes, o estabelecimento do horário de 6 horas de trabalho, assim obviando à enormidade de braços parados e atenuar a terrível situação de fome que apressadamente se avizinha.

Se da parte da classe burguesa e capitalista, houvesse um pouco mais de inteligência, certamente seria ela a primeira a concordar com esta imperiosa necessidade. Mas não. Certamente começará a formar-se uma corrente de opinião evidentemente contrária.

E porque? Porque o egoísmo de sempre fortificará o seu espírito mau e irrequieto, sem observação absolutamente alguma ao negro futuro que se aproxima.

A burguesia internacional só pensa em esmagar as regalias conquistadas pela classe trabalhadora e está tenta por todos os meios ao seu alcance e num legítimo direito defender-se de tanta afronta através dos tempos que passam.

Tenta-se em Portugal fazer vingar uma ditadura fascista e militar, a-pesar-de em todos os tempos nós vermos todos os lugares de destaque em todos os edifícios do estado desempenhados pelo sr. capitão A., o sr. major B. etc.

Em referência à competência técnica estamos conversados; sobre administrações é do conhecimento de todos o que para ali se constata.

Urge pois que, pela passagem da data do 1º de Maio de 1926, a classe trabalhadora organizada saiba fazer ver a todos os tiranos que têm tido a força do mando sobre todos os assuntos, ainda os mais restritos, que é necessário arripiar caminho e fazer rápidas concessões às reclamações constantemente apresentadas pela central da organização operária — Confederação Geral do Trabalho.

E que a própria classe trabalhadora — cujos actos, sistematicamente mal apreciados, são todavia os mais honestos possíveis — se aperceba da hora grave que passa, fazendo-se respeitar tal como deve ser respeitada, firmando-se e robustecendo-se sob o pensamento de que: — a emancipação dos trabalhadores ha-de ser obra dos próprios trabalhadores.

Eis a minha aspiração do que seja a data reivindicadora do 1º de Maio de 1926.

Alfredo PINTO

## SAUDAÇÃO

Nestes tempos de ignominia que vão correndo, em que o suborno e a grijeta constituem a razão de ser dumha sociedade miserável e prostituída, nós que sentimos na chama do nosso idealismo um sonho alvínciente deverdade e beleza, não poderíamos deixar de saudar aquela imprensa de Portugal que se encontra integrada no espírito da época e fora dos preconceitos tolos e dum dogmatismo imbecil.

A imprensa venal, corrupta, devassa, constitui um cancro social, num estado de virulência que urge extirpar para bem da geração e da comunidade.

Toda a imprensa livre nos deve merecer o mais amplo respeito, ainda mesmo que ela traduza uma corrente ideológica diametralmente oposta à nossa.

A luta fere-se lealmente adentro dos principípios e maior lutador será aquele que marcar à margem da dialéctica a eloquência.

A tolerância que é uma das manifestações

de bondade dumha filosofia, só a entendemos quando os nossos adversários lutam num campo oposto embora se encontram numha plena identificação com as suas faculdades psíquicas e mentais.

O frete, a prostituição individual e colectiva, são tantas manifestações de degenerescência, que a virilidade da nossa inteligência, a sensibilidade das emoções mais puras, repudiam numa afirmação de responsabilidade social.

E por isso que gostosamente escutamos o murmúrio da água explodindo da rocha; a voz do pastor serrano, repercutindo-se

## A inacção dos trabalhadores

O egoísmo com que o após-guerra demonta as chamadas classes superiores veio, também, de certo modo, reflectir-se nas classes trabalhadoras. Estas, vendo dia a dia crescer de uma maneira escandalosa a desenredada ganância dos detentores da sua produção, recorreram aos meios de luta que julgaram mais eficazes para não serem vendidas pelos exploradores.

Deve, porém, afirmar-se que os produtores nunca conseguiram melhorar a sua situação económica em face das necessidades mais elementares porque, a-pesar-de muito boas vontades, uma parte dos trabalhadores, já por uma educação herdada de velhos preconceitos e defeituosos costumes arcaicos, já por um desprendimento criminoso dos admiráveis princípios da solidariedade, abandonou os seus irmãos de sofrimento e seguiram as pisadas daqueles que, ufanhando-se de criaturas superiores, como que constituídas de um barro esmagado, praticaram toda a casta de escândalos, explorando ignobilmente os parvos que ainda não souberam, num formidável gesto de energia, emancipar-se de vez dos seus escravizadores.

E assim, muitos trabalhadores, parecem hipnotizados pela exploração dos de cima, julgam talvez ter um proceder muito digno se imitarem nos lábios palavras de revolta e incitamento para que os ideais por eles preconizados não desaparecessem com a sua morte.

Otros, como que emparcidos pela derrocada a que vimos assistindo, cristalizaram a sua ação, abandonaram os seus batalhões de luta—os Sindicatos—ou então, se de todo os não abandonaram, não manifestam o mínimo interesse pela sua situação cada vez mais precária, não se preocupam em dar-lhes a vida tão necessária no momento gravíssimo que atravessamos.

Contra as classes trabalhadoras foram assestadas todas as baterias das classes dominantes, que hoje se apresentam com vários rótulos e com attitudes que deviam fazer ver aos explorados a conveniência de se preparam para enfrentar a ofensiva que de há muito vêm preparando na sombra. Se os paladinos das ideias avultadas e já carcomidas pelo pôr dos séculos ainda não conseguiram pôr em prática os seus maus instintos, isso deve-se a uma parte das classes operárias que, com uma forte energia e tenacidade, têm conseguido frustrar os intentos maléficos dos messias...

E a-pesar-dos exemplos constantes que vimos anotando, não se apercebem os restantes trabalhadores que está em perigo a sua liberdade, o seu bem-estar, conquistados à custa de muitas lutas e de muitas vidas, e entregam-se a uma despracociação verdadeiramente criminosa que amanhã, quando o mal não tiver cura, os fará arrepender por terem contribuído com a sua inacção para o restabelecimento de regimes de tirania.

O desprendimento que os trabalhadores votam nos seus organismos de resistência leva os nossos naturais inimigos a encorajar-se para os esmagar logo que achem o momento azado. E se os trabalhadores não se preocuparem a valer com a sua situação tanto económica como moral, se não acorrem aos seus sindicatos fortalecendo-os convenientemente, dando-lhes a vida de tanto carecida, vida essa que se irá reflectir no desenvolvimento dos organismos centrais que então poderão mais à vontade coordenar os esforços de todas as células aderentes.

E ao passar o dia de hoje, lembramo-nos a todos os trabalhadores a energia, a abnegação e o sacrifício dos mártires de Chicago que, pela liberdade, pela emancipação de todos os seres que produzem, baquearam tendo nos lábios palavras de revolta e incitamento para que os ideais por eles preconizados não desaparecessem com a sua morte.

Todos também devem ter sempre bem presente que, devido à persistência e sacrificio de tantos outros mártires pelo ideal que abraçamos, gosamos hoje de uma relativa liberdade e de um bem-estar que, estando ainda muito longe do que desejamos e temos incontável direito, são de facto alguma coisa.

Não deixemos, portanto, desaparecer o pouco de bom que existe, e procuremos alcançar melhores dias para todos os seres que produzem a riqueza social—riqueza que nos é negada por uma minoria que vive faustosamente e dispõe dos meios mortíferos para fazer calar a voz dos oprimidos.

E para que este mal desapareça, só a unificação de todos, só a vitalidade dos sindicatos, só o desenvolvimento da capacidade de revolucionária dos trabalhadores nos seus vários aspectos, o poderão conseguir.

Francisco de SOUSA

## À REVOLUÇÃO EM MARCHA!

A história do 1º de Maio é hoje feita, mais uma vez, na imprensa operária de todo o Mundo. Os factos ocorridos em Chicago em 1886-87, são escalpelados pelas penas de centenas de pensadores e proletários. Numerosos comentários se registram, onde a classe trabalhadora exterioriza toda a sua indignação, perante tristes evidências de completo martírio.

Isto faz-se já há algumas dezenas de anos e a situação mantém-se. Os protestos, quando muitos, farão estarrecer por momentos, apenas, a classe detentora de toda a riqueza social. Depois, as coisas voltam ao seu curso normal anterior, o que dizem a muitos que vivem simplesmente porque têm corpo que se movimenta; não possuem apurados os sentimentos, não têm ideal. São impulsados por uma baixa materialidade.

Pois desiludem-se! As coisas não voltam ao seu curso normal; dia a dia se modificam.

Então, o que representa toda essa latente convulsão, que agita o Universo de polo a polo, senão o desconjuntar dumha sociedade em ruínas?

Olhai para a Ásia e constatai a revolta permanente que ali lava, sinal de que não pode ofuscar o brilho reluzente do progresso, em todos os sentidos verificados.

O esforço imenso que os representantes das mais retrógradas ideias estão fazendo para impor ferreas ditaduras, esborracha a muralha fortemente alicerçada da Liberdade.

E ver como Mussolini perde terreno, pelas suas desmedidas ambições de imperador mundial, ate nos seus próprios admiradores, quais aliados! Compreende-se. E o instinto de defesa. Ele pretende avançar, galgar sobre tudo, esmagar, para impor a sua omnipotente... vontade de mando e nestas condições, cada uma das correntes que também não quer perder o seu predomínio, conquanto de aspirações mais restritas, oferece-lhe resistência. Os seus sonhos de grande imperador não desfazem-se ante a realidade das coisas...

Na Espanha, que os factos parecem corroborar mais serenos e o pedestal do ditador solidificado, pela pato militarista, também não se vive as maravilhas...

A indignação, embora silenciosa, continua crescendo até explodir, ecoando em todo o orbe terrestre, como um alívio profundo contra a tirania que lá impera.

Tem, infalivelmente, que dar-se o choque.

E se nós pudéssemos perscrutar até ao sub-solo social, a agitação que germina nos países atingidos pelas maiores opressões, o que não observaríamos!

Temos na Polónia, na România e na Bulgária, milhares de mortes, para não citarmos mais nações; um terror formidável sem dúvida, mas o que é isto isto senão a tremenda luta entre a tirania e a liberdade?

O que observamos nos restantes países, que se não deixaram vencer pela onda ultraconservadora que só pela força sistemática, momentaneamente, a tendência natural e revolucionária dos povos?

A rápida formação de partidos esquerdistas, radicais, reformistas, prometendo reformas sociais, a-fim de evitar a precipitação dos acontecimentos, fatais, lógicos e inevitáveis.

Naqueles, a força militarista a agudizar uma situação insustentável, carcomidos os alicerces da sociedade capitalista é mister que se procure um equilíbrio... enquanto fictício. Esse equilíbrio é mantido pela violência. E' consequentemente a desmoral

## Este seguro impõe-se a todos os trabalhadores

Todo o operário ou trabalhador por 35 centavos por dia garante aos seus, em caso de morte, um capital de esc. 5.000\$00 pago imediatamente. Se economizar 58 centavos por dia durante 30 anos garante para a sua velhice uma pensão de reforma de esc. 100\$00 mensais pagos enquanto fôr vivo.

**Operários, trabalhadores,** sede previdentes para com as vossas famílias e para com vós mesmos, segurando-vos em

**A MUNDIAL**  
COMPANHIA DE SEGUROS  
Sede: Rua Garrett, 95 - Lisboa

Sociedade Anónima  
de Responsabilidade Limitada

IMPORTANTE:  
Mediante um ligeiro sobre-prémio,  
A MUNDIAL pôr-vos-há ao abrigo da

## DOENÇA E INVALIDEZ

### POLICLÍNICA POPULAR

RUA MORAIS SOARES, 114  
(Telefone, 5460-Norte)

Cirurgia, operações, às 15 horas - Dr. Abel da Cunha.

Estomago, intestinos e fígado. Clínica geral, às 11 horas - Dr. Leonor Neves.

Coração e pulmões. Clínica médica, às 15 horas - Dr. Leão da Silva.

Boca e dentes, desde as 9 horas - Dr. Domingos Pereira.

Doenças das crianças, às 12 horas - Dr. Funes de Matos.

Doenças da nutrição. Clínica Geral, às 16,30 horas - Dr. Camezul Ferreira.

Doenças dos olhos, às 14 horas - Dr. Caetano S. Oliveira.

Pele e sifilis, às 11 horas - Oliveira Feijão.

Doenças das senhoras, às 17,30 horas - Dr. Isabel Pereira.

Garganta, nariz e ouvidos, às 10,30 horas - Gomes Coelho.

Rins e vias urinárias, às 12,30 horas - Dr. H. de Fontoura Madureira.

Raios X - Dr. Aleu Saladanha.

ANÁLISES CLÍNICAS  
VACINAS

**Policlínica da Estrela**

Rua Domingos Sequeira, J. M., r/c - Lisboa

TELEFONE TRINDADE-202

Doença dos rins e vias urinárias, às 10,30 horas - Dr. Antunes Prior.

Clinica cirúrgica - Operações, às 16,30 horas - Dr. Bastos Gonçalves.

Ovidos e nariz - Dr. Correia Larronde.

Sifilis e doenças venéreas, às 11 horas - Dr. Carmo dos Santos.

Clinica médica, corações e pulmões, às 16 horas - Dr. Damião Borges.

Das gravídias, puerperas, útero e anexos.

Doenças das crianças, às 12 horas - Dr. José Bonito.

Estomago, fígado e intestinos - D. da nutrição (bebês), gata, obesidade, às 14 h. - Dr. Luiz Quirino.

Clinica geral às 14 h - Dr. Manuel d'Assumpção.

Doenças da pele e venerologia, às 15,30 horas - Dr. Caetano Carrasco.

Análises clínicas - Vacinas, às 15 horas - Dr. Marques Manacás.

Doenças dos olhos, às 9,30 h - Dr. Sertório Senna

Doenças da boca e dentes - Prótese, 12,30 horas - Dr. Virgílio Xavier.

Relax - Radioterapia, às 10 horas - Dr. Aleu Saladanha.

D. Nervosas e Mentais - Electrotterapia, às 16 h - Dr. Damião Borges.

Ortopedia - Massagem - Gimnástica médica, às 15 horas - Dr. Salazar Carreira.

**Policlínica da Rua do Ouro**

Entrada: Rua do Carmo, 98

Telephone N. 5353

Medicina, coração e pulmões - Dr. Armando Narciso - A's 5 horas.

Cirurgia, operações - Dr. Bernardo Vilar - 4 horas.

King - vias urinárias - Dr. Miguel Magalhães - 10 horas.

Pele e sifilis - Dr. Correia Figueiredo - II e III e 4 horas.

Doenças nervosas, electroterapia - Dr. R. Lourenço - 10 horas.

Doenças dos olhos - Dr. Mário de Matos - 9 horas.

Garganta, nariz e ouvidos - Dr. Mário Oliveira - 12 horas.

Estomago e intestinos - Dr. Mendes Belo - 1 hora.

Doenças das senhoras - Dr. Emilio Paiva - 2 horas.

Doenças das crianças - Dr. Filipe Manso - 12 horas.

Tratamento de diabetes - Dr. Ernesto Roza - 2 horas.

Eco e dentes - Dr. Armando Lima - 10 horas.

Cancro e rádio - Dr. Cabral de Melo - 4 horas.

Raios X - Dr. Aleu Saladanha - 4 horas.

Análises - Dr. Gabriela Beato - 1 hora.

**CONSULTAS MÉDICAS**

PARA AS CLASSES POBRES

Todos os dias, às 7 horas da tarde

**FARMÁCIA SIMÕES**

Rua Infante D. Henrique, 54

(a São Tomé)

Desejam vender ou comprar ouro, prata ou joias?

Prefiram as ourivesarias da firma

**Morais & Gama**

Rua da Beteaga, 16

- E -

**Ourivesaria da Estefânia**

na Rua Pascoal de Melo, 132

onde, por preços com que ninguém pode competir, poderão comprar ou vender nas melhores condições de garantia.

**TODOS OS PEDIDOS** de livros devem ser feitos por meio de carta registada na qual será enviada a importância respectiva, acrescida do correspondente custo do porte de correio e registo.

Os preços de porte são os seguintes:  
Continente - Pacote até 2 quilos, cada 50 gramas, \$10. Encomendas postais, até 5 quilos, \$50.  
Brazil e países da União Postal - Pacote até 2 quilos, \$32 cada 50 gramas.  
Américado Norte - Pacotes até 5 quilos, \$850.

Lede e assinal Os Mistérios do Povo

## A BATALHA

## Companhia de Diamantes de Angola

(DIAMANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Com o capital de Esc. 9.000.000\$00 (ouro)

Direito exclusivo de pesquisa e extração de diamantes na Província de Angola por concessão do respectivo Governo

Séde Social: - Lisboa, Rua dos Fanqueiros, 12, 2.º - Telegramas: DIAMANG

Escritórios em Bruxelas, Londres e Nova York

Presidente do Conselho de Administração

Banco Nacional Ultramarino

Administrador-delegado ERNESTO DE VILHENA

Mr. Jean Jadot

Representante:

Tenente-coronel ANTÓNIO BRANDÃO DE MELO

Caixa Postal 347 - Teleg.: DIAMANG

Loanda

Presidente dos Grupos Estrangeiros

MR. H. T. DICKINSON

DUNDO

Lunda

## Lotaria de Santo

### António

Em 19 de Junho de 1926

PREMIOS MAiores | 2.000.000\$00

500.000\$00

Bilhetes a 500\$00, décimos 50\$00, vigésimos 25\$00, quadragesimos 12\$50. Cautelas a 6\$00 e 3\$00. Pelo correio, a mais a despesa do porte e registo.

Pedidos aos cambistas

**Campião & P.**

Rua do Amparo, 116  
LISBOA

## MOZAICOS

G. & C. A

## GOARMON & C. A

A MAIOR FÁBRICA DO PAIZ

Escriptório: T. do Corpo Santo, 17, 19 e 21 - R. do Corpo Santo, 32 - LISBOA

A maior produção de Portugal - Os de melhor fabrico

RESISTENTES

DURAVEIS

IMPERMEAVEIS

As maiores vantagens - Artigos de cimento armado - Artigos sanitários

Pintura artística em azulejos, santos, paisagens, fotografias, etc.

**AZULEJOS** — **CIMENTOS**  
OUTROS MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO  
TELEFONE C. 1244

## Chapelaria A SOCIRE

Cooperativa dos Operários Chapeleiros  
Grande sortimento em chapéus, lisos e mesmas em cores lindissimas, formatos dos mais afamados fabricantes extrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Especialidade em chapéus de seda

FLAMÃO

Chapéu mole, novo modelo americano muito elegante, só na Cooperativa

**A SOCIAL**  
Armazém e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS —

Séde: - 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: - Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: - Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: - Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56 52

FÁBRICA DE BONETS - Jaurés (Exclusivo)

## "ÉLITE"

Económico pela sua duração  
Luxuoso pelo seu esmerado acabamento  
Inexcedível em qualidade  
Tem a preferência das elegâncias  
Em resumo: é o calçado da "ÉLITE"

Encontra-se à venda nas principais sapatarias de

Lisboa, Província e Ilhas

## SOCIEDADE INDUSTRIAL DO CALÇADO "ÉLITE"

Escriptório, Armazéns e Fábrica

Rua da Penha de França, 15 (à Graça)

LISBOA

## "HERPETOL"

) Dá um (-

Alívio instantâneo



Como obter uma casa própria?

Escreva à Companhia de Seguros "LEX", rua de S. Paulo, 78, 2.º, Lisboa, que lhe dará os precisos informes na volta do correio.

## Companhia Geral

## Crédito Predial Portuguez

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital Esc. 9.000.0



O automóvel só era acessível aos ricos

A Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

# PROLETARIZOU-O

Por isso, as classes trabalhadoras têm o dever de preferir o taxis "Citröen" (palhinha amarela) a qualquer outro

Preços de algumas das suas corridas

|                                   |       |                            |        |
|-----------------------------------|-------|----------------------------|--------|
| Rossio-Cais do Sodré . . . . .    | 4\$80 | Rossio-Graça . . . . .     | 7\$20  |
| Estréla-L. Duas Igrejas . . . . . | 4\$80 | » -Estréla . . . . .       | 7\$80  |
| Rossio-Praça do Brasil . . . . .  | 5\$40 | » -Campo Pequeno . . . . . | 9\$00  |
| » -Saldanha . . . . .             | 6\$60 | » -Campo Grande . . . . .  | 11\$80 |
| » -Almirante Reis . . . . .       | 6\$60 | » -Algés . . . . .         | 21\$00 |

PEDIDOS PELOS TELEFONES 5521 E 5528 N.—ESCRITÓRIOS E GARAGE:

RUA ALMIRANTE BARROSO, 21

SERVIÇO PERMANENTE NA ESTAÇÃO DO ROSSIO



META

INDISPENSÁVEL

VOS ESCRITÓRIOS — Para os empregados lacrarem as cartas e prepararem qualquer bebida quente

NA OFICINA — «Meta» é um precioso auxílio do operário, o qual, com a ajuda de tão humilde servo pode tornar alimentos quentes.

«Meta» vende-se em blocos, pastilhas e discos—Usa-se em aparelhos práticos e portáteis, marca «Meta».

Encontrando nas principais drogarias, lojas de ferragens, utilidades e necessidades.

Concessionária para Portugal e Colónias

SOCIEDADE "META", LIMITADA—RUA DA EMENDA, 100—TELEPHONE T. 300

CALEDONIAN INSURANCE COMPANY

FUNDADA EM 1805

A MAIS ANTIGA COMPANHIA DE SEGUROS DA ESCÓCIA AUTORIZADA A TRABALHAR EM PORTUGAL

Capital e Reservas: £ 0,310.000—Receita anual em 1923: £ 2,087.000

Sinistros pagos: £ 19,843.000

EFFECTUAMOS:—Seguros marítimos, guerra, minas e torpedos—Seguros de conservas, incluindo roubo e apólices flutuantes—Seguros contra fogo, ralo, explosão de gás,

Seguros de automóveis, incluindo fogo, choque e colisão—Roubo e responsabilidade civil

Agentes gerais para Portugal, Ilhas e Colónias:

Correia Leite, Santos & C. a. BANQUEIROS

53, Rua Augusta, 59—LISBOA—Telefones Central 237 e 558

Instituto Pasteur de Lisboa

XAROPE  
PEITORAL

RHEUMA

Tosse  
Constipações  
Bronquites  
a venda

Em todas as boas farmácias

CALÇADO ((ATLAS))

O MELHOR

VEJAM OS NOSSOS PREÇOS

Rua Aurea, 198

Rua Augusta, 149

Rua do Carmo, 87

Carlos Corrêa da Silva, Limitada

Largo do Directório, 15 — LISBOA

MAQUINAS

Industriais  
e agrícolas

MATERIAL PARA AS ARTES GRÁFICAS

Depósitos das tintas para impressão

Lorilleux

Telefone C. 296

Telegramas: Carlos Silva, Lisboa

Manuel A. F. Calado

& C. a. L. da

Importação directa

Armazém de drogas,  
tintas, óleos, vernizes,  
pincéis e perfumarias

Alvaiade "POMBA"

(Marca registada)

Fábrica de Gessos,  
Cimento, Cré,  
Pó de Pedra, etc.

Fábrica:

24, R. da P. da Junqueira, 28

Depósito da fábrica:

5, Boqueirão dos Ferreiros, 7

Drogaria e escritório:

19-20, L. do C. Santo, 22-23

LISBOA

EM EXPOSIÇÃO

Máquinas de Serração

"TEICHERT"

MAQUINAS metalúrgicas  
APARELHOS de soldar a autogéneo e acessórios  
MAQUINAS tipográficas  
GUILHOTINAS de 52 a 92 cm.  
MOTORES eléctricos A. G. E.  
MOTORES a óleos pesados.

"OTTO-DEUTZ"

Montagem de fábricas e projectos por engenheiros especializados  
Projectos e orçamentos grátis

SALÃO DE NOVIDADES ALEMÃS

Lino Martins Coelho

2, Rua Serpa Pinto, 4 e 6 (ao Chão)

Companhia dos Tabacos de Portugal

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital Esc. 9.000:000\$00

SEDE—Avenida da Liberdade, 12—LISBOA

Comité de Paris—Rue Laffayette, II—PARIS

DEPOSITOS GERAIS:—EM LISBOA—Rua Direita de Xabregas

NO PORTO—Campos 24 de Agosto, 31

Os tabacos desta Companhia encontram-se à venda em todos os estâncias

do país e das agências do Ultramar.

MUTUALIDADE PORTUGUESA

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

RUA DO MUNDO, 20, 2.º—LISBOA

TELEFONES T. 700 e T. 732 INICIALMENTE FUNDADA EM 1913

Capital realizado..... 2.500.000\$00 Esc.

Reservas em 30 de Junho de 1925 1.397.789\$97

Efectuam-se seguros em todas as moedas e nos seguintes ramos:

DESASTRES NO TRABALHO

Grenos e tumultos | Incêndios e roubos | Mortimros | Transportes terrestres | Valores pelo correio

As melhores condições e as mais firmes garantias

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil ás boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos á administração de A. Batista.

# A BATALHA

